

Estrutura didática de *O Livro dos Espíritos*

Em *O Livro dos Espíritos*, qual a participação de Kardec e qual a dos Espíritos?

Kardec deixa claro qual foi a sua participação na confecção do livro ao afirmar que “a ordem e a distribuição metódica das matérias, assim como as notas e a forma de algumas partes da redação constituem obra daquele que recebeu a missão de os publicar”¹. O livro foi elaborado por ele com a assistência dos Espíritos, a partir dos princípios que eles trouxeram. Por isso, podemos dizer que ele é um dos principais autores da obra.

No seu livro *A Gênese*, no capítulo *O caráter da Revelação Espírita*, item 13, ele define a participação dos Espíritos e dos homens na elaboração do Espiritismo.

Os Espíritos forneceram os princípios nos quais o Espiritismo deveria se apoiar: a sobrevivência e a natureza da alma, a comunicabilidade dos Espíritos, a existência de Deus...

Aos homens compete o trabalho de elaboração da doutrina espírita a partir dos fatos mediúnicos e das instruções dos Espíritos.

Em síntese, afirma Kardec, “o que caracteriza a revelação espírita é o ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem.”

As expressões *ordem e distribuição metódica* contidas no texto citado por você são sugestivas. O que significam?

O criador da doutrina espírita, judiciosamente caracterizado como “o bom senso encarnado”², escreveu a obra fundamental do Espiritismo segundo uma sistemática que é, ao mesmo tempo, filosófica, lógica e didaticamente bem estruturada.

O Livro dos Espíritos apresenta de forma simples e clara uma ciência nova, rica e profunda. Com uma estrutura didática, uma ordem de apresentação e uma distribuição metódica das matérias ele é facilmente compreendido por todos.

Nem todos os principais textos que deram origem a uma teoria científica são textos didáticos e de simples leitura.

Allan Kardec preocupou-se em fornecer uma apresentação didática ao livro para que os aprendizes pudessem mais facilmente entendê-lo. Além disso, tornou a leitura agradável, prazerosa, despertando no leitor a vontade de continuar lendo.

Ele verteu o pensamento dos Espíritos em uma linguagem acessível, em um formato adequado à nossa compreensão.

Cosme, há algum texto de Kardec que o ajudou a perceber essa estrutura didática?

Essa forma didática pode ser encontrada no texto:

“Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental. Fatos novos se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa,

¹ KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, Prolegômenos.

² KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. Discurso pronunciado diante do túmulo de Allan Kardec por Camille Flammarion.

compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz-lhes as conseqüências e busca as aplicações úteis.”³

As partes finais do texto podem ser utilizadas para abstrairmos uma maneira didática de apresentação de uma doutrina de caráter científico.

Devemos deixar claro, desde agora, que não discutiremos o método científico de elaboração da ciência espírita.

A “*Excelência metodológica do Espiritismo*” - a tese de que o Espiritismo se ajusta perfeitamente aos critérios modernos para a caracterização de uma ciência - foi criteriosamente explorada por Chibeni, em artigo publicado no Reformador.⁴

Estaremos apenas sugerindo uma forma didática para a apresentação da doutrina espírita, contida na sua obra fundamental. Trata-se simplesmente de fornecer subsídios para uma análise cuidadosa da “Tábua das Matérias”, isto é, do índice de *O Livro dos Espíritos*, com o objetivo de explicitar uma lógica subjacente à ordem e à distribuição metódica das matérias. Ou seja, uma forma didática de se fazer a leitura desse livro.

Explique melhor.

Dividiremos essa forma de didática de apresentação de uma doutrina científica em quatro fases:

A primeira fase, sugerida pela expressão contida no texto “*Fatos novos se apresentam*”, significa que, primeiramente, deve ser definido ou escolhido o objeto a ser estudado. Escolhe-se o universo ou o domínio a ser examinado. Delimita-se o campo de atuação da ciência.

Quando se vai ensinar uma ciência qualquer, é natural começar dizendo qual é o seu objeto de estudo, qual é o seu campo de atuação, que tipo de fenômenos essa ciência pretende investigar, delimitando, desse modo, sua área de abrangência. Assim acontece no ensino da física, da química, da botânica ou de qualquer outra ciência.

Depois de explicado o objeto de estudo, o campo de atuação da ciência, passa-se a fazer uma apresentação pormenorizada dos conceitos e dos fenômenos a cerca dele. A expor os conhecimentos já obtidos. A fornecer os detalhes disponíveis sobre os fenômenos investigados. A definir conceitos. A estabelecer relações, etc. Tais são as características da segunda fase.

Essa segunda fase é então uma fase de aprofundamento, de detalhamento do campo de atuação da ciência?

Isso mesmo, nessa segunda fase, sugerida pela expressão “*Observação, Comparação e Análise*”, deve-se apresentar uma análise detalhada do universo ou do domínio a ser investigado. Nessa análise, todos os conceitos fundamentais e suas principais relações são explicados, tendo em vista facilitar a compreensão das leis reguladoras dos fenômenos que serão ensinadas na terceira fase.

Na terceira fase, sugerida pela expressão “*Formulação das leis*”, as leis reguladoras do universo em exame devem ser ensinadas, levando-se em conta a análise apresentada anteriormente. Todos os conceitos necessários para uma melhor compreensão das leis formuladas já foram estabelecidos nas duas fases anteriores.

³ KARDEC, Allan. *A Gênese os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*. Caráter da revelação espírita, item 14.

⁴ CHIBENI, Sílvio Seno. A excelência metodológica do Espiritismo. *Reformador*, novembro de 1988, pp. 328-33 e dezembro de 1988, pp.373-8.

Apresentadas as leis, investigamos as suas conseqüências e aplicações, entramos, assim, na quarta e última fase.

A quarta fase, sugerida pela expressão “*Dedução das conseqüências e busca de aplicações úteis*”, diz respeito ao que se pode obter da aplicação das leis formuladas sobre os objetos do domínio, as previsões e explicações.

Da sua explicação, parece que a ordem das quatro fases é importante. É isso mesmo?

Nessa apresentação didática de uma ciência, cada fase é preparatória da fase seguinte. Por exemplo, as leis, terceira fase, envolvem os conceitos e as relações que foram apresentados nas duas fases anteriores. Assim, quando se vai estudá-las já se está familiarizado com os conceitos envolvidos. Ganha-se muito para a compreensão das leis.

Como exemplo, consideremos a *Lei do Progresso*. Para entendê-la, precisamos compreender o que é o Espírito, sua imortalidade, sua capacidade de encarnar em diversos mundos, etc. Idéias que são explicadas nas duas primeiras fases.

A ordem das fases é adequada didaticamente para a compreensão e ensino da ciência espírita. Por isso, não é conveniente alterá-la.

Resumindo, nossa forma didática de apresentação de uma doutrina científica tem as quatro fases: definição ou delimitação do objeto de estudo; análise ou investigação acerca do objeto e suas relações; formulação das leis que o regulam e dedução das conseqüências das leis.

Cabe ainda acrescentar que não temos a intenção de passar a idéia de que essa estrutura didática para a obra seja aquela pensada por Kardec. Ele nada escreveu a respeito dessa ordem ou distribuição metódica. O que estamos apresentando é o resultado de nossos próprios esforços na busca de uma fundamentação, lógica e didática, para a ordem e a distribuição das matérias de *O Livro dos Espíritos*.

Pelo exemplo que você apresentou, vejo uma ligação entre essas quatro fases e as partes da obra, estou na direção certa?

A relação que você percebeu no exemplo é simples: a cada fase corresponde uma parte da obra.

À primeira parte da obra, *Das causas primárias*, associamos a fase de definição do objeto de estudo. Nessa primeira parte, o campo de atuação da doutrina espírita é estabelecido. Trata-se de estudar o espírito, o princípio inteligente do universo.

Na segunda parte, *Do mundo espírita ou mundo dos Espíritos*, são investigados, com profundidade, o espírito e suas relações com o mundo corporal. Para uma compreensão mais profunda acerca dos Espíritos, várias idéias são desenvolvidas: o perispírito, a encarnação, a mediunidade, a emancipação da alma, as diferentes ordens dos Espíritos, etc. Trata-se, portanto, da segunda fase de nossa apresentação didática.

A formulação das leis, ou terceira fase, ocorre na terceira parte da obra, *Das leis morais*, quando são estabelecidas as leis que regulam a vida do Espírito. Para entendê-las, os conceitos necessários foram estabelecidos nas duas partes anteriores.

Embora o Espírito, como ser moral, tenha também uma natureza “física”, Kardec optou, sabiamente, por formular apenas as leis morais, deixando as outras para a posteridade. Muito se tem a ganhar com essa opção, pois sabemos que no Espírito o aspecto moral tem grande influência sobre sua interação física. A natureza do perispírito, ou corpo fluídico do Espírito, guarda relação com a evolução moral do Espírito: quanto mais moralizado é o Espírito, mais purificados são os fluidos que compõem o seu perispírito.

As conseqüências para o Espírito do cumprimento ou não das leis morais são estabelecidas na quarta parte, *Das esperanças e consolações*, correspondendo à nossa

quarta fase. As penas e os gozos, presentes ou futuros, do Espírito dependem do seu progresso moral.

As quatro outras obras fundamentais de Kardec têm relação com as quatro partes de *O Livro dos Espíritos*?

Cada uma das quatro partes de *O Livro dos Espíritos* foi desenvolvida por Kardec em outras quatro obras complementares.

Para investigar com mais profundidade a primeira parte, *Das causas primárias*, publicou *A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo*, em 1868.

Para desenvolver a segunda parte, *Do mundo espírita ou mundo dos Espíritos*, publicou *O Livro dos Médiuns*, em 1861.

A terceira parte, *Das Leis Morais*, foi aprofundada em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, publicada em duas edições: em 1864, com o título de *Imitação do Evangelho Segundo o Espiritismo*; e, em 1865, com o título definitivo citado.

A quarta parte, *Das Esperanças e Consolações*, foi desenvolvida na obra *O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina segundo o Espiritismo*, uma obra de 1865.

Com isso, podemos afirmar que a doutrina espírita foi desenvolvida por Kardec nos cinco livros fundamentais, porque a obra *O Livro dos Espíritos* foi dividida em quatro partes. Cada uma das quatro obras complementares é o desenvolvimento mais detalhado delas.

1ª parte

Como a primeira parte de *O Livro dos Espíritos* é organizada?

A primeira parte começa com a questão “O que é Deus?”. O primeiro capítulo trata de Deus. “Deus é a inteligência suprema, a causa primeira de todas as coisas”⁵. Deus cria os dois elementos gerais do universo: o espírito e a matéria.

O espírito é o princípio inteligente do universo.

“A matéria é o laço que prende o espírito; é o instrumento que o serve e sobre o qual, ao mesmo tempo, exerce sua ação.”⁶

“Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal.”⁷

A primeira parte de *O Livro dos Espíritos* se estrutura didaticamente a partir desses três elementos fundamentais.

Como assim?

Vejamos.

Da ação mútua dos dois elementos gerais do universo, da união do espírito com a matéria, da interação recíproca do princípio inteligente com a matéria, surge toda a criação. A criação é o resultado da ação do espírito sobre matéria, consoante a vontade de Deus, segundo as leis de Deus.

⁵ KARDEC, Allan, *O livro dos Espíritos*, item 1

⁶ *Ibidem*, item 22a

⁷ *Ibidem*, item 27

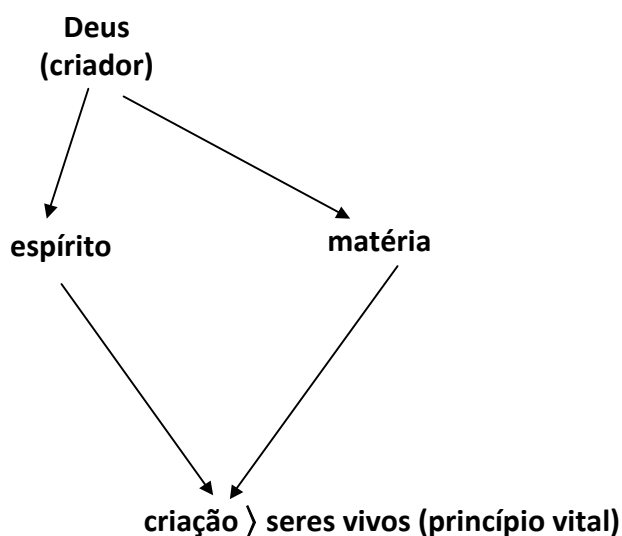
Tudo que é criado é formado de espírito ou de matéria, ou de ambos.

De todas as criações divinas, a mais importante para o espírito é a dos seres vivos. Estes são os veículos de exteriorização do espírito, suas ferramentas de trabalho e progresso. Neles, o espírito atua para desenvolver-se continuamente, até atingir a perfeição.

Agora podemos estabelecer a ordem dos capítulos dessa primeira parte: o primeiro capítulo intitula-se *De Deus*, o segundo, *Dos elementos gerais do Universo*, o terceiro, *Da criação*, e o quarto, *Do princípio vital*. Nesse quarto capítulo, os seres vivos são investigados a partir da existência de um *princípio vital*, “o princípio da vida material e orgânica, qualquer que seja a fonte donde promane, princípio esse comum a todos os seres vivos, desde as plantas até o homem”.⁸

Esquemáticamente, podemos resumir tudo o que foi dito da seguinte maneira:

Parte Primeira: Das Causas Primárias



1º Capítulo: De Deus

2º Capítulo: Dos elementos gerais do Universo

3º Capítulo: Da criação

4º Capítulo: Do princípio vital

Entendi a ordem didática, mas fiquei com uma dúvida: por que essa primeira parte está associada com a caracterização do objeto de estudo, o campo de atuação do Espiritismo?

Nessa primeira parte foram estabelecidos três elementos fundamentais: Deus, espírito e matéria. Deus poderia ser o objeto de estudo do Espiritismo? Em princípio, poderia. Mas, a dificuldade de se investigar com profundidade a idéia de Deus é insuperável.

Ciente dessa dificuldade, Kardec interrogou aos Espíritos: “Pode o homem compreender a natureza íntima de Deus?”⁹ A resposta explica nossa incapacidade para investigar Deus: “Não; falta-lhe para isso um sentido.” No segundo capítulo da obra *A*

⁸ Ibidem, Introdução, item II.

⁹ Ibidem, item 10

Gênese, complementou: “Não é dado ao homem sondar a natureza íntima de Deus. Para compreendê-Lo, ainda nos falta o sentido próprio, que só se adquire por meio da completa depuração do Espírito.”¹⁰

Ou seja, a faculdade, o sentido que falta ao Espírito para compreender a natureza íntima de Deus só pode ser alcançado a partir do momento em que ele sai do processo reencarnatório, de provas e expiações, e entra no estado de Espírito puro ou perfeito. Até lá criaremos noções, idéias sempre incompletas acerca da divindade.

Somos como cegos de nascença, procurando entender a luz. Sabemos que Deus existe, mas não possuímos a faculdade própria para compreender sua natureza íntima.

Para não deixar dúvidas, os Espíritos acrescentam:

“Deus existe; disso não podeis duvidar e é o essencial. Crede-me, não vades além. Não vos percais num labirinto donde não lograríeis sair. Isso não vos tornaria melhores, antes um pouco mais orgulhosos, pois que acreditaríeis saber, quando na realidade nada saberíeis. Deixai, conseqüentemente, de lado todos esses sistemas; tendes bastantes coisas que vos tocam mais de perto, a começar por vós mesmos. Estudai as vossas próprias imperfeições, a fim de vos libertardes delas, o que será mais útil do que pretenderdes penetrar no que é impenetrável.”¹¹

Acho que estou entendendo o percurso que você está seguindo. São três os elementos fundamentais que poderiam ser os objetos de estudo, você já descartou um deles, agora restaram dois. Estou certo?

Sim, de tudo o que foi dito, podemos concluir que Deus não deve ser o objeto principal de estudo do Espiritismo. Restariam o espírito ou a matéria.

Na introdução de *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec já havia descartado que o objeto de estudo do Espiritismo fosse a matéria, simplesmente porque o estudo da matéria é de competência da Ciência.

“As ciências ordinárias assentam nas propriedades da matéria, que se pode experimentar e manipular livremente; os fenômenos espíritas repousam na ação de inteligências dotadas de vontade própria e que nos provam a cada instante não se acharem subordinadas aos nossos caprichos.”¹²

É por isso que mais tarde, no item 16 do primeiro capítulo da obra *A Gênese*, acrescentará:

“Assim como a Ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como este último princípio é uma das forças da natureza, a reagir incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, segue-se que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro. O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação. O estudo das leis da matéria tinha que preceder o da espiritualidade, porque a matéria é que primeiro fere os sentidos. Se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas científicas, teria abortado, como tudo quanto surge antes do tempo.”

¹⁰ KARDEC, Allan. *A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*, capítulo II, item 8

¹¹ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, item 14

¹² *Ibidem*, Introdução, item VII.

Finalizando, vai restar ao Espiritismo investigar o espírito, o princípio inteligente do universo.

No estudo do espírito com 'e' minúscula, vai estar presente, como sua componente mais importante, a investigação do Espírito, com 'E' maiúscula. Estes serão os objetos de estudo da segunda parte de *O Livro dos Espíritos*

Uma dúvida, antes de pensarmos na segunda parte. Por que espírito é grafado com "e" na primeira parte e com "E" na segunda parte?

A palavra *espírito* foi escrita por Kardec com a letra 'e' minúscula, na primeira parte da obra, dos itens 1 até 75, com o significado dado antes de *princípio inteligente do universo*.

Na segunda parte da obra, a partir da questão 76, a palavra *Espírito*, com a letra 'E' maiúscula, recebe o significado de "os seres inteligentes da criação ou as individualidades dos seres extracorpóreos".

Assim, o Espírito com 'E' maiúscula é a individualização do princípio inteligente (espírito com 'e' minúscula), formando um ser consciente, com senso moral e capacidade de pensar em Deus.

Com esses últimos conceitos é possível estabelecer uma diferença fundamental entre a individualização do princípio inteligente nos animais e a individualização do princípio inteligente nos homens. Os animais não possuem senso moral, nem a capacidade de pensar em Deus. Não são Espíritos com 'E' maiúscula, embora os animais, por demonstrarem alguma forma de inteligência, também são formados do princípio inteligente.

Os homens, ou Espíritos, são submetidos ao processo de provas e expiações, os animais não. Os animais não têm senso moral, não têm liberdade de escolher entre o bem e o mal.

Pensando no princípio inteligente, podemos considerar a alma dos homens como sendo uma espécie de evolução da alma dos animais?

A questão não é simples assim. Essa é apenas uma hipótese possível. Mas, também se pode considerar ambas as almas como sendo duas realidades independentes. São dois pontos de vista diferentes, sobre os quais ainda não temos bases científicas para tomar partido. É por isso que Kardec afirmou:

"O ponto inicial do Espírito é uma dessas questões que se prendem à origem das coisas e de que Deus guarda o segredo. Dado não é ao homem conhecê-las de modo absoluto, nada mais lhe sendo possível a tal respeito do que fazer suposições, criar sistemas mais ou menos prováveis. Os próprios Espíritos longe estão de tudo saberem e, acerca do que não sabem, também podem ter opiniões pessoais mais ou menos sensatas. É assim, por exemplo, que nem todos pensam da mesma forma quanto às relações existentes entre o homem e os animais. Segundo uns, o Espírito não chega ao período humano senão depois de se haver elaborado e individualizado nos diversos graus dos seres inferiores da Criação. Segundo outros, o Espírito do homem teria pertencido sempre à raça humana, sem passar pela feira animal."¹³

¹³ Ibidem, item 613

2ª parte

Vamos voltar agora para a 2ª parte de *O Livro dos Espíritos*, como fica a sua ordem didática?

Nessa segunda parte, temos onze capítulos, numa certa ordem. Analogamente ao que fizemos com a primeira parte, podemos indagar: como justificar a ordem proposta?

Se o objeto de estudo é o espírito, o passo seguinte é apresentar o resultado das investigações acerca do espírito. Os estudos apresentados por Kardec sobre o espírito tocaram em todas as facetas da interação dos espíritos com o mundo corporal. Nenhum dos aspectos fundamentais dessa interação foi esquecido. Quais são esses aspectos fundamentais? Por que se pode considerar a segunda parte do LE como o mais completo estudo acerca da interação dos Espíritos com o mundo corporal?

Eis algumas questões que precisaremos abordar.

Então, vamos lá. Por onde começamos?

Inicialmente, devemos notar que o Espírito, que vive no mundo espiritual, interage também com o mundo material.

Vamos propor didaticamente que o universo seja dividido em duas partes: o mundo espiritual e o mundo corporal.

Sabemos que não existe essa separação no universo, mas é uma forma didática de apresentar essas duas realidades.

Vamos pensar... Se o mundo dos Espíritos e o mundo corporal estão em constante interação, qual é o elemento fundamental que interage nessas duas dimensões? O Espírito.

Vamos pensar agora matematicamente: Se existe um indivíduo, o Espírito, que tem duas realidades para atuar, dois mundos onde agir, quantas seriam as possibilidades de interação?

Um Espírito pode interagir no mundo corporal através do nascimento. No fenômeno da encarnação o Espírito ocupa um corpo. Esse trânsito de lá para cá é uma primeira possibilidade de se encontrar o Espírito.

Se o Espírito pode sair do mundo espiritual, entrar num corpo e viver no mundo corporal, a recíproca é verdadeira. Ele pode sair do mundo corporal e voltar ao mundo espiritual. É o fenômeno da morte. Novo trânsito, simétrico ao primeiro. Uma segunda situação possível de se encontrar um Espírito.

Ambas são passagens, transições. Estados possíveis para um Espírito.

Existem bebês sendo gerados pelas suas mães. Espíritos reencarnando. E também existem pessoas na agonia da morte. Espíritos desencarnando.

São apenas duas as possibilidades?

Não. Também temos o Espírito vivendo apenas no mundo espiritual. No estado propriamente designado pelo nome *Erraticidade*. O Espírito nos intervalos entre suas encarnações.

Este mundo espiritual é uma realidade inacessível à nossa percepção usual. Claro que os médiuns podem percebê-lo em determinadas circunstâncias. Não é absolutamente imperceptível. De certa forma, podemos compará-lo ao mundo dos micróbios, que só é perceptível através de um microscópio. Nosso "microscópio" para a realidade espiritual é o médium.

Então, a terceira situação do Espírito é viver no mundo espiritual.

Logicamente, por simetria, a quarta situação é o Espírito vivendo aqui, no mundo corporal. Já nascemos e ainda não morremos. Estamos, nós dois, nessa quarta situação.

Agora temos já quatro situações possíveis de se encontrar o Espírito, estão esgotadas as possibilidades...

Ainda não. Continuemos nosso raciocínio matemático...

O mundo espiritual e o mundo corporal não são independentes e incomunicáveis.

Sendo comunicáveis e dependentes estas duas realidades, surge uma situação que se assemelha com a nossa hoje... em nossas cidades.

Elas são comunicáveis. Ao falarmos no celular você estará na sua cidade e eu na minha. Mas a comunicação acontecerá.

Esta possibilidade de intercâmbio entre as duas realidades abre duas novas possibilidades de se encontrar o Espírito. O Espírito que está no mundo espiritual interage com o mundo corporal e o Espírito que está no mundo corporal interage com o mundo espiritual.

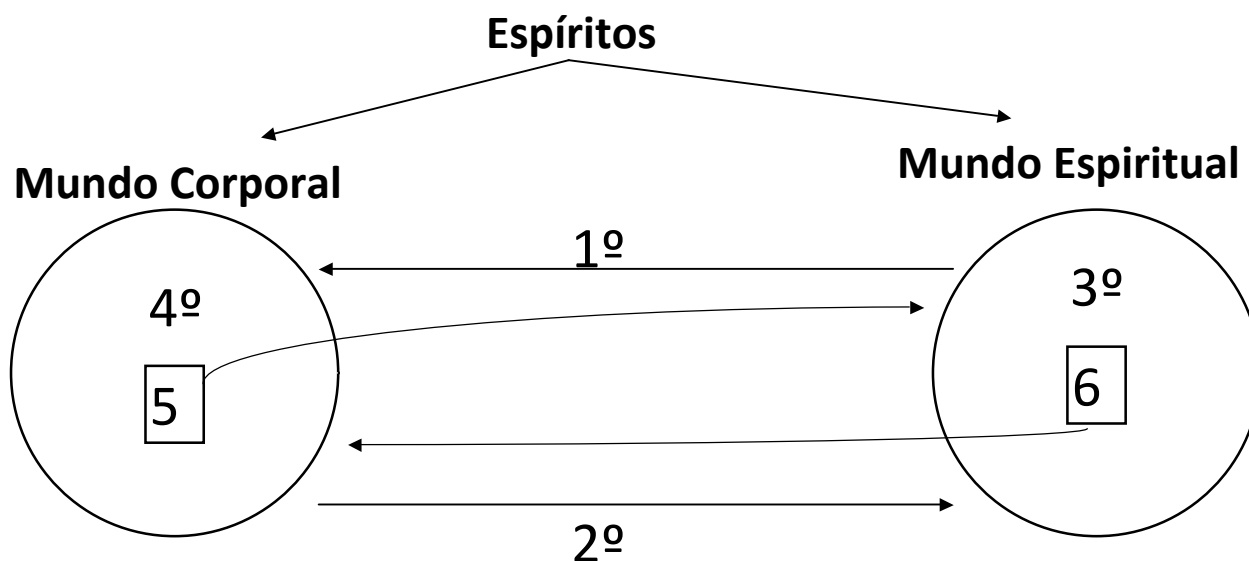
Quando o Espírito está vivendo no mundo corporal, nos estados de sono, de entorpecimento, ou de emancipação da alma, interage com o mundo espiritual.

O Espírito que está no mundo espiritual interage com o mundo corporal interferindo na vida dos encarnados, são os fenômenos de interferência dos Espíritos no mundo corporal.

Assim temos mais duas novas possibilidades, que somadas com as quatro anteriores, darão seis situações possíveis de se encontrar o Espírito nos dois mundos corporal e espiritual. Não consigo imaginar uma sétima possibilidade. Alguém consegue? Acho que não é possível, matematicamente falando.

Se imaginarmos um Espírito qualquer, dentro desse contexto de interação entre os mundos corporal e espiritual, não há nenhuma situação possível que não esteja sendo tratada aqui. Podemos encontrar o Espírito em uma delas ou simultaneamente em uma ou mais delas, mas sempre dentro dessas seis possibilidades. Essa é a razão de afirmarmos que o estudo apresentado na segunda parte é um estudo completo.

Podemos resumir tudo o que foi dito no seguinte esquema:



Cosme, como relacionar essas seis situações com os onze capítulos da 2ª parte?

Nessa parte, Kardec apresenta os seus estudos acerca dessas seis situações possíveis.

Sendo o Espírito o elemento fundamental da interação entre os dois mundos, o **primeiro** capítulo deve tratar dele. Por isso, intitula-se 'Dos Espíritos'. A partir da questão 76, que dá início ao capítulo, Allan Kardec começa a estudar os Espíritos, caracterizando sua natureza, sua constituição.

O **segundo** capítulo aborda o Espírito saindo do mundo espiritual para o mundo corporal; isto é, em processo de encarnação. Trata-se, portanto, da primeira das seis possibilidades anteriores. O título do segundo capítulo é 'Da encarnação dos Espíritos'. Nele, Allan Kardec estuda o trânsito, a passagem do Espírito para o mundo corporal; a ação do Espírito sobre o corpo em formação, desde a fecundação.

A seguir, temos o caminho inverso. O **terceiro** capítulo trata da investigação do processo inverso: a desencarnação - a segunda das seis possibilidades anteriores. Intitula-se 'Da volta do Espírito, extinta a vida corpórea, à vida espiritual'. Estuda a morte, a desencarnação, o retorno ao mundo espiritual, o passamento.

Seria lógico Kardec tratar agora, no quarto capítulo, a vida espiritual, a terceira das situações possíveis. Mas não é lógico, e ele não faz assim.

E por que não é?

Na medida em que Kardec estudou as duas passagens do espírito para os dois mundos, ele descobre uma nova e muito importante lei natural: a reencarnação.

Foi necessário, portanto, interromper provisoriamente o esquema lógico das seis possibilidades para tratar mais profundamente essa nova lei.

Conseqüentemente, o **quarto** capítulo, intitula-se '*Da pluralidade das existências*'.

Dada a importância dessa lei, como princípio básico do Espiritismo, era preciso apresentar a sua fundamentação. Para fazê-lo, Kardec formula o **quinto** capítulo, intitulado '*Considerações sobre a pluralidade das existências*'. Nele, é demonstrado que o princípio da reencarnação encontra apoio nos textos antigos, do velho e novo testamento, na análise racional e nos fatos.

Duas das seis situações possíveis foram até agora estudadas. No capítulo **sexto**, é investigada a terceira situação possível: o Espírito vivendo no mundo espiritual. O capítulo sexto intitula-se '*Da vida espírita*'. Nele, é estudado, com detalhes, como o Espírito vive no plano espiritual.

Todo aquele que tiver o cuidado de examinar as questões desse capítulo, perceberá que lá se encontra o mais completo estudo acerca do plano espiritual, de acordo com os conhecimentos da época. Ali vamos encontrar os fundamentos para as obras espíritas que vieram depois, por intermédio de diversos médiuns, descrevendo o mundo espiritual.

No capítulo seguinte, encontramos a quarta possibilidade, o Espírito vivendo no mundo corporal. Estamos no capítulo **sétimo**, intitulado '*Da volta do Espírito à vida corporal*', no qual se investiga a vida do Espírito no corpo; o que acontece quando vivemos num corpo: a perda de memória, a genialidade, a imbecilidade, enfim, as limitações que a vida corporal impõe ao Espírito.

O codificador não vai se preocupar com as questões próprias das demais ciências no que diz respeito ao mundo corporal. Para o espiritismo o que importa é entender quais as influências que este mundo exerce sobre o Espírito.

Quatro situações já foram apresentadas... faltam duas.

Dando prosseguimento vai ser investigado como o Espírito, vivendo no mundo corporal, é capaz de interagir sobre o mundo espiritual, no capítulo **oitavo**, intitulado '*Da emancipação da alma*'. Nele se estuda a capacidade que tem o Espírito encarnado, a alma, de interagir com o mundo espiritual: o sono, o sonho, a letargia, a catalepsia, a dupla vista, o êxtase etc. Estamos na quinta possibilidade, das seis citadas.

A seguir, é investigado o sexto e último estado possível: o Espírito vivendo no mundo espiritual e interagindo com o mundo corporal. O capítulo, **nono**, intitula-se '*Da intervenção dos Espíritos no mundo corporal*'. É nesse capítulo que vamos entender a Influência dos Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos. Temas como a obsessão, a ação dos anjos guardiães, Espíritos protetores, familiares ou simpáticos, a influência dos Espíritos nos acontecimentos da vida, a ação dos Espíritos sobre os fenômenos da Natureza etc. serão ali abordados.

Acabaram os seis momentos... e agora?

Bem... Agora observamos a grande habilidade didática do professor Allan Kardec.

Ele não fez somente análise, ele fez sínteses.

Ao longo dos capítulos anteriores ele fez uma análise das seis situações possíveis de se encontrar um Espírito nos dois mundos corporal e espiritual.

Agora ele faz uma síntese dessas seis situações. Resumindo de forma admirável todas as atividades dos Espíritos nesses dois mundos.

O **décimo** capítulo, *Das ocupações e missões dos Espíritos*, trata exatamente das ocupações e missões dos Espíritos nos seis estados possíveis: encarnando, desencarnando, vivendo no mundo espiritual, vivendo no mundo corporal, interferindo no mundo espiritual e no mundo corporal.

Uma bela síntese... mas não deveria ser o último capítulo?

No que diz respeito ao Espírito, alma dos homens, sim.

No entanto o objeto de estudo do Espiritismo é o princípio inteligente do universo, o espírito,

Até agora observamos que só foi tratado do princípio inteligente humano, o Espírito com "E". Allan Kardec elaborou um capítulo para tratar do espírito com "e".

O **décimo primeiro** e último capítulo, intitulado "Dos três reinos", estuda o princípio inteligente interagindo nos reinos inferiores da natureza. Parece deslocado, mas se justifica, pois o estudo do objeto definido na primeira parte (o princípio inteligente do universo) deveria ser completo.

Os onze capítulos, cuja ordem acabamos de justificar, constituem o mais completo tratado acerca do espírito. Os conhecimentos que foram estabelecidos nessa segunda parte do livro são o resultado de alguns anos de trabalho de Kardec, utilizando-se da experimentação mediúnica.

O espírito, escolhido como o objeto de estudo do Espiritismo, sempre foi desprezado pelas ciências ordinárias. Sua investigação pertencia à filosofia, na chamada metafísica, e às religiões. O método de investigação era unicamente o da análise filosófica. A fonte de conhecimento era pura e simplesmente a razão especulativa. Com Kardec, no entanto, o estudo do espírito passa a utilizar-se do método experimental. O conhecimento acerca do espírito já não é mais o resultado da pura especulação filosófica, surge como consequência da experimentação mediúnica. A mediunidade é o laboratório. O estudo do espírito passa a fazer parte de uma nova ciência: o Espiritismo

3ª parte

Do que trata a terceira parte?

Podemos dividi-la em três grupos de capítulos.

No primeiro grupo, trata-se de apresentar resposta à questão: “O que é lei natural? O primeiro capítulo, *Da lei divina ou natural*, fornece resposta a essa questão, explicando os conceitos de lei natural e de lei moral.

No segundo grupo, trata-se de responder à questão: “Quais são as leis morais?”. A resposta é apresentada nos dez capítulos seguintes, do 2º ao 11º capítulo, com a formulação das dez leis morais.

No terceiro grupo, trata-se de responder à questão; “Como praticar as leis morais?” O que o homem deve conhecer sobre si mesmo para melhor praticar as leis morais? O 12º capítulo, *Da perfeição moral*, fornece os elementos essenciais para o auto-conhecimento.

Esquemáticamente, temos:

O que é lei natural? O que é lei moral?
Quais são as leis morais?
2º capítulo – 1. Da lei de adoração
3º capítulo – 2. Da lei do trabalho
4º capítulo – 3. Da lei de reprodução
5º capítulo – 4. Da lei de conservação
6º capítulo – 5. Da lei de destruição
7º capítulo – 6. Da lei de sociedade
8º capítulo – 7. Da lei do progresso
9º capítulo – 8. Da lei de igualdade
10º capítulo – 9. Da lei de liberdade
11º capítulo – 10. Da lei de justiça, de amor e de caridade
Como praticar as leis morais?
12º capítulo – Da perfeição moral

Vemos que a moral é o tema principal dessa parte, por que as leis morais são tão importantes?

Kardec divide as leis de Deus, leis divinas ou naturais, em dois grandes grupos: leis físicas e leis morais:

“Entre as leis divinas, umas regulam o movimento e as relações da matéria bruta: as leis físicas, cujo estudo pertence ao domínio da Ciência. As outras dizem respeito especialmente ao homem considerado em si mesmo e nas suas relações com Deus e com seus semelhantes. Contém as regras da vida do corpo, bem como as da vida da alma: são as leis morais.”¹⁴

As leis morais são, portanto, leis que indicam como o homem, ou Espírito, deve proceder. Dizem respeito à conduta, ao comportamento dos Espíritos. Não são leis “físicas” sobre os Espíritos. Nem mesmo sobre o seu corpo espiritual, ou perispírito. Nem ainda sobre a “matéria” que compõe o mundo dos Espíritos.

Embora digam respeito apenas à moral, as leis morais não são regras abstratas e arbitrárias de conduta que não teriam implicações sobre a natureza “física” dos Espíritos. Sabemos, pela rica literatura mediúnica, que a natureza do perispírito guarda relação direta com o progresso moral do Espírito.

Como o perispírito é o veículo de interação dos Espíritos com a matéria (dos mundos corporal e espiritual), o instrumento de percepção e ação dos Espíritos no universo, sua natureza determina limites e possibilidades aos Espíritos.

A capacidade de visão à distância, de locomoção para outros mundos, de percepção de outros Espíritos, de manipulação dos fluidos espirituais, de ação sobre outros Espíritos, de conhecimento do passado e do futuro, de conhecimento sobre a própria natureza do Espírito e dos fluidos espirituais, de conhecimento acerca de Deus, enfim, todos os recursos e faculdades dos Espíritos dependem do progresso moral alcançado.

A moral é, portanto, muito mais importante do que pode parecer à primeira vista. Pela primeira vez na história da humanidade, a moral é apresentada com tanta força. É a condição única e verdadeira para a felicidade dos Espíritos. Não há outro caminho.

Por que essas dez leis morais? Como foram ordenadas?

A própria obra de Kardec facilitou o entendimento da ordenação das leis morais.

No comentário da questão 617, que citamos anteriormente, Allan Kardec divide as leis morais em três partes: os deveres do homem para com Deus, os deveres do homem para consigo mesmo e os deveres do homem para com o próximo.

A mesma divisão ternária encontra-se em *O evangelho segundo o Espiritismo*, no capítulo XXVIII, Preces Espíritas, item I, ao tratar da Oração dominical:

“Com efeito, sob a mais singela forma, ela [a oração dominical] resume todos os deveres do homem para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo.”.

A ordem proposta para as leis morais é a seguinte:

- 1) primeiro, os deveres do homem para com Deus;
- 2) segundo, os deveres do homem para consigo mesmo; e
- 3) por último, os deveres dos homem para com o seu próximo.

¹⁴ Ibidem, item 617

O amor a Deus e a si mesmo são os fundamentos para o verdadeiro amor ao próximo.

Essa tridimensionalidade das leis morais reflete o objetivo de completude da ética apresentada pelo Espiritismo.

Ao propor, da forma mais completa possível, leis morais, nenhum comportamento deve ficar fora dessa regulamentação ética.

Se eu existo em meio a outros seres e se existe Deus, as leis morais devem levar tudo isso em consideração.

Em geral, a ética preocupa-se com a relação com o outro. Hoje ela tem avançado no sentido de cuidar da relação do homem com a natureza. É uma ética por assim dizer “ecológica”, onde se regula não somente a relação do homem com outro homem, mas com qualquer ser vivo. Este é o caminho para o cumprimento dos deveres para com Deus. Pois a natureza é obra divina.

O homem ético, hoje, é aquele que não somente se preocupa com o próximo, mas com os demais seres e a natureza. Ele deve cuidar do planeta.

A Ética está caminhando para a proposta que Allan Kardec apresentou no século XIX.

Onde encontramos uma ética “ecológica” nas leis morais?

Essa “ética ecológica” está parte nos deveres do homem para com Deus, parte nos deveres do homem para consigo mesmo. Esse “para consigo mesmo” envolve seu corpo, que é parte do meio ambiente. E o meio ambiente deve ser cuidado para preservar seu corpo.

Kardec vai dizer, na questão 617, que as leis morais tratam das regras da vida do corpo e não somente das regras da vida da alma. Com as regras da vida do corpo a natureza ganha importância na ética espírita.

Os capítulos “da lei de destruição” e “da lei de conservação” que tratam do dever do homem para consigo mesmo são altamente ecológicos. Tratam de toda interação do homem com o meio ambiente.

Ali veremos a grande defesa ecológica. Perceberemos a importância de somente fazer a destruição necessária e o combate a qualquer forma de destruição abusiva.

Voltando a questão da ordem das leis morais...

Vale lembrar que essa organização das leis morais em três grandes grupos (com Deus, consigo mesmo e com o outro) é de Jesus. Kardec, por ser um dos maiores representantes do Cristo, vai interpretar o pensamento de Jesus em linguagem moderna.

O Cristo disse: “Amai a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo”.

Cabe aqui a seguinte pergunta: por que amar a Deus primeiro?

Ora, se Deus é o criador de todas as coisas, o meu dever para com Ele sintetiza todos os outros.

Amar a Deus, amar o próximo e amar a si mesmo não são deveres apenas complementares são deveres, num certo sentido, também equivalentes.

“Equivalentes”?

Num certo sentido, sim. Não são deveres essencialmente diferentes que precisam dos outros deveres para se completarem. São manifestações do único e verdadeiro amor. Do amor incondicional proposto pelo Cristo. Quando aprendermos a

cultivar esse amor incondicional, amaremos a Deus, amando ao próximo como a nós mesmos.

Jesus mesmo deixou claro que “amar ao próximo como a ti mesmo” é equivalente ao “Amar a Deus sobre todas as coisas”. Ele disse:

*"Ame ao Senhor seu Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma, e com todo o seu entendimento. Esse é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a esse: Ame ao seu próximo como a si mesmo."*¹⁵

A síntese do amor pode ser estabelecida da construção em conjunto desses deveres.

Se eu cumprisse meus deveres para com Deus estaria necessariamente cumprindo meus deveres para comigo mesmo e para com o próximo.

Se compreendêssemos os processos de vinculação com a Divindade nos bastaria para alcançar a plenitude. Pois aquele que cumpre os deveres para com o Pai não maltrata o filho. Aquele que ama o Criador, não prejudica a criatura. Não atrapalha o seu universo. Não destrói a sua obra.

O problema é que não temos esse poder de síntese ética. Estamos longe ainda de cultivar o amor incondicional. Desta forma, didaticamente é melhor separar as leis.

A necessidade da análise é própria de nossa inferioridade.

Quais seriam, dentro da análise feita por Kardec, as leis relacionadas aos deveres para com Deus?

As leis de adoração e de trabalho dizem respeito aos deveres do homem para com Deus, capítulos II e III.

A adoração, elevação do pensamento a Deus, é um processo de sintonia, de busca de inspiração, de apoio.

Claro que era muito comum antes do Cristo imaginar que o dever do homem para com Deus era agradá-lo, dar-lhe algo em sacrifício (como se Ele precisasse ser agradado com alguma coisa).

Os nossos deveres para com o Criador expressam nossas necessidades e não as Dele. Assim, o raciocínio muda completamente.

A lei de adoração é a primeira. É entrar em sintonia, em harmonia, com a Causa primeira.

A adoração a Deus não é uma decisão de fé dogmática, mas uma decisão de fé raciocinada. Uma decisão do homem inteligente que busca consultar aquele que é “a inteligência suprema”. Na há sabedoria maior do que a de ouvir aquele que mais sabe.

“Em tudo o que fizerdes, remontai à Fonte de todas as coisas, para que nenhuma de vossas ações deixe de ser purificada e santificada pela lembrança de Deus.”¹⁶

Sendo a Causa Primeira dinâmica, ativa, ela nos induz naturalmente ao trabalho, à realização, à atividade, à construção...

O trabalho é o segundo dever para com Deus.

O trabalho, como ocupação útil, é uma forma de adoração. É o momento em que, sintonizados com o Criador, realizamos em conjunto Sua obra. Ao adentrar a fonte divina sentimos a necessidade de contribuir, de servir, de fazer a nossa parte.

¹⁵ MATEUS, 22: 37-39.

¹⁶ KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 10.

As duas primeiras leis morais tratam da interação com Deus. E as seguintes, como relacioná-las aos deveres para consigo mesmo e para com o outro?

Os deveres do homem para consigo mesmo são estabelecidos nas três leis seguintes: lei de reprodução, lei de conservação e lei de destruição (capítulos IV, V e VI, respectivamente).

São os deveres do homem para com ele mesmo enquanto espécie.

Quando utilizamos a expressão “deveres para consigo mesmo” parece que estamos dizendo que o homem deve pensar nele egoisticamente. De forma alguma. Estamos tratando do homem enquanto ser no mundo corporal que deve preservar sua espécie.

A ordem dada por Kardec às leis é muito interessante: reprodução, conservação e destruição.

O essencial é garantir a continuidade da espécie, do mundo corporal. Ora, então por que a primeira lei que trata do dever para consigo mesmo não é a de conservação?

É algo lógico. Como conservar algo que não existe. Para que a lei de conservação possa ser aplicada, há necessidade de que a vida exista. Por isso a lei de reprodução aparece em primeiro lugar.

Pela reprodução o homem dá origem à vida corporal na Terra. O seu primeiro dever para consigo mesmo deve ser o de garantir a continuidade da vida no mundo corporal; mundo este indispensável ao progresso dos Espíritos.

Existindo a vida surge a necessidade de conservá-la.

O processo de conservação na natureza gera a destruição. O jogo das forças naturais no campo do corpo físico produz isso. Lembremos que as leis morais devem regular a conduta do homem e não somente do Espírito. O homem é um Espírito encarnado, então é mais amplo o domínio das leis morais que Kardec vai investigar.

Como assim?

O Espírito desencarnado não se preocupa, por exemplo, com a reprodução. Não há reprodução em corpos espirituais. Já no mundo corporal as preocupações nesse campo são muitas. O primeiro dever é criar a forma, gerar o corpo para servir-lhe de instrumento. Posterior a isso vem a necessidade da conservação.

Ao trabalhar este tema, Kardec demonstra que para o Espírito conservar seu corpo, precisa conservar a natureza, destruindo não abusivamente. Para garantir a vida, o processo de destruição deve ser regulado. Como o corpo não vive isolado, está em um ambiente convivendo com outros seres, o limite da destruição deve impedir que a conservação seja prejudicada.

A ética ecológica está presente nesses capítulos.

Se essas três leis deram conta dos deveres do homem para consigo mesmo, então as outras quatro é que tratam dos deveres do homem para com o próximo. Explique a ordem dessas leis morais.

Os deveres do homem para com o seu próximo são estabelecidos nas leis: lei de sociedade (cap. VII), lei do progresso (cap. VIII), lei de igualdade (cap. IX) e lei de liberdade (cap. X).

Kardec apresenta como primeiro dever o de viver com o outro. Viver em sociedade.

É na vida com o outro que crescemos, nos aperfeiçoamos. Construir, partilhar na convivência com o outro é uma necessidade.

As leis morais não tratam de questões de gosto. Elas expressam necessidades. São leis que devem ser vividas para que se alcance a felicidade. Por isso que todos nós somos levados a elas. Cedo ou tarde nos entregamos a elas, pois necessitamos de harmonia e felicidade.

A conseqüência natural da vida social é o progresso. Por isso, após estudar a lei de sociedade, Kardec vai trabalhar a lei do progresso.

A sociedade deve viver com essa meta. Deve buscar o progresso científico, intelectual, ... mas deve buscá-lo dentro de certos limites. A sede desequilibrada de progresso pode torná-lo inviável. Para estabelecer as limites do progresso temos as outras leis.

O progresso deve ser alcançado tendo como metas a igualdade e a liberdade. O progresso não é para um. É para todos. Não é um progresso exclusivo e a qualquer custo.

Progresso sim, mas com igualdade e liberdade.

Fomos criados iguais, simples e ignorantes, e com livre-arbítrio. Recebemos o mesmo amor do Criador, a mesma capacidade de amar. Amor incondicional que nos iguala, ao mesmo tempo que nos liberta.

Igualdade e liberdade no começo, igualdade e liberdade após o progresso conquistado.

Iguais na simplicidade e na ignorância, iguais na felicidade e na verdade alcançadas.

Hoje, liberdade limitada pela nossa ignorância.

Amanhã, liberdade máxima com o conhecimento completo da verdade.

Chegado ao estado de igualdade máxima, não nos igualaremos na uniformidade. A igualdade precisa ser buscada, mas com respeito à liberdade dos indivíduos. Seremos um dia Espíritos perfeitos, mas jamais perderemos nossas individualidades.

Algumas propostas filosófico-políticas utópicas apontam o progresso e a igualdade como metas, mas existe uma tendência de se negar a liberdade dos indivíduos. Ou se ajusta igualdade com liberdade ou o proposta não funciona, não gera a felicidade para todos.

Na ordenação proposta por Kardec, a liberdade é colocada como uma das últimas leis morais.

“Considerada do ponto de vista da sua importância para a realização da felicidade social, a fraternidade está na primeira linha: é a base. Sem ela não poderiam existir a igualdade nem a liberdade séria. A igualdade decorre da fraternidade e a liberdade é conseqüência das duas outras.”¹⁷

Lembro-me sempre da frase do Cristo: *conhecereis a verdade e ela vos libertará*.

Deus, a Verdade, aparece numa ponta como expressão da primeira lei moral, lei de adoração. A liberdade surge na outra ponta, como conseqüência da Verdade alcançada, completando o percurso das leis morais. Saímos de Deus. Retornaremos a Ele, como Espíritos perfeitos.

Mas não são dez leis?

Sim. A décima lei é a síntese de todas as outras.

¹⁷ KARDEC, Allan . *Obras Póstumas*. Liberdade, igualdade e fraternidade, 3º parágrafo.

As nove leis morais estabelecidas por Kardec - *Adoração, Trabalho, Reprodução, Conservação, Destruição, Sociedade, Progresso, Igualdade e Liberdade* - resumem todos os deveres do homem para com Deus, para consigo mesmo e para com o seu próximo. A décima e última lei moral *Da lei de justiça, de amor e de caridade* (cap. XI) resume todas as outras. Deus, *Justiça*, por *amor*, criou o homem e este, para bem viver com o seu próximo, deve praticar a *caridade*. Por isso, afirmaram os Espíritos:

“Essa divisão da lei de Deus em dez partes é a de Moisés e de natureza a abranger todas as circunstâncias da vida, o que é essencial. Podes, pois, adotá-la, sem que, por isso, tenha qualquer coisa de absoluta, como não o tem nenhum dos outros sistemas de classificação, que todos dependem do prisma pelo qual se considere o que quer que seja. A última lei é a mais importante, por ser a que faculta ao homem adiantar-se mais na vida espiritual, visto que resume todas as outras.”¹⁸

Vamos resumir tudo o que foi dito no seguinte esquema:

As Leis Morais

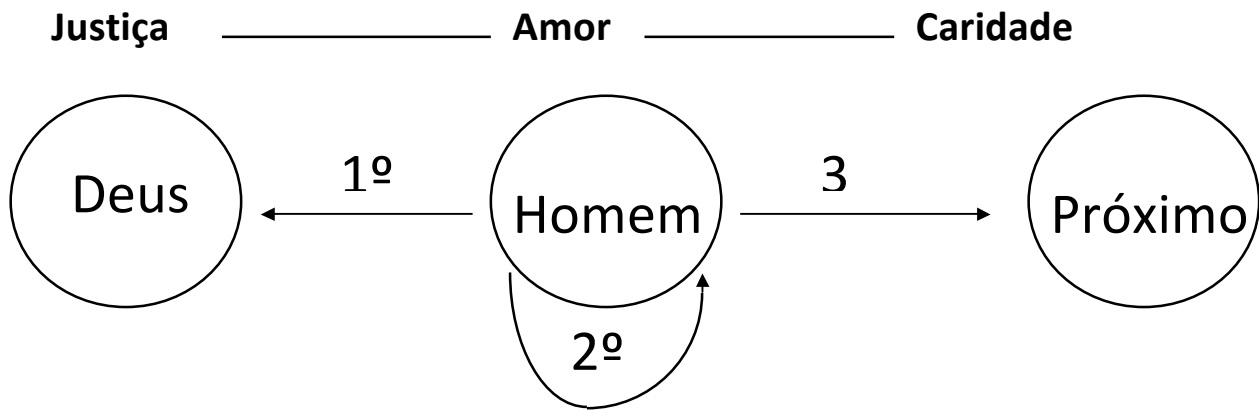
Estabelecem todos os deveres do homem:

1º - para com Deus;

2º - para consigo mesmo; e

3º - para com o próximo.

¹⁸ Ibidem, item 648



E o décimo segundo capítulo?

Até agora tivemos a construção da ética espírita.

Mas é fundamental também responder à questão: como aplicar essa ética?

O último capítulo trata do meio de aplicar essas leis morais.

Ele responde à indagação, “Como praticar as leis morais?”. Por isso, seu título é: *Da perfeição moral*. Neste capítulo encontramos um dos mais belos estudos sobre a personalidade humana.

Após examinar em profundidade o homem (as virtudes e vícios, as paixões, o egoísmo e os caracteres do homem de bem), apresenta o conhecimento de si mesmo como a “chave do progresso individual”:

“Examinai o que pudesdes ter obrado contra Deus, depois contra vosso próximo e, finalmente, contra vós mesmos. As respostas vos darão, ou o descanso para a vossa consciência, ou a indicação de um mal que precise se curado.”¹⁹

Esse capítulo é tão rico que merece uma análise mais demorada e creio que não é o momento para isso.

Vamos trabalhá-lo em outro bate-papo?

Claro. Fica assumido o compromisso.

4ª parte

E a quarta parte? Como fica inserida nessa estrutura?

Vamos recapitular... a primeira parte trata da definição do objeto de estudo, a segunda parte de como o espírito vive, a terceira parte estabelece as leis morais, a quarta apresenta as conseqüências de se viver ou não essas leis morais.

Veja que lógica simples. Sabendo das leis morais surge a pergunta: quais as conseqüências para o Espírito, nos dois mundos corporal e espiritual, do cumprimento ou não dessas leis?

Se existem dois mundos, as conseqüências se mostram nessas duas realidades. Por isso a quarta parte tem dois capítulos. Um trata das conseqüências no mundo corporal e o outro das conseqüências no mundo espiritual.

As conseqüências são gozos, quando as leis são cumpridas e penas quando não são.

Então teremos os seguintes capítulos:

¹⁹ Ibidem, item 919a

1. “Das penas e gozos terrenos”
2. “Das penas e gozos futuros”

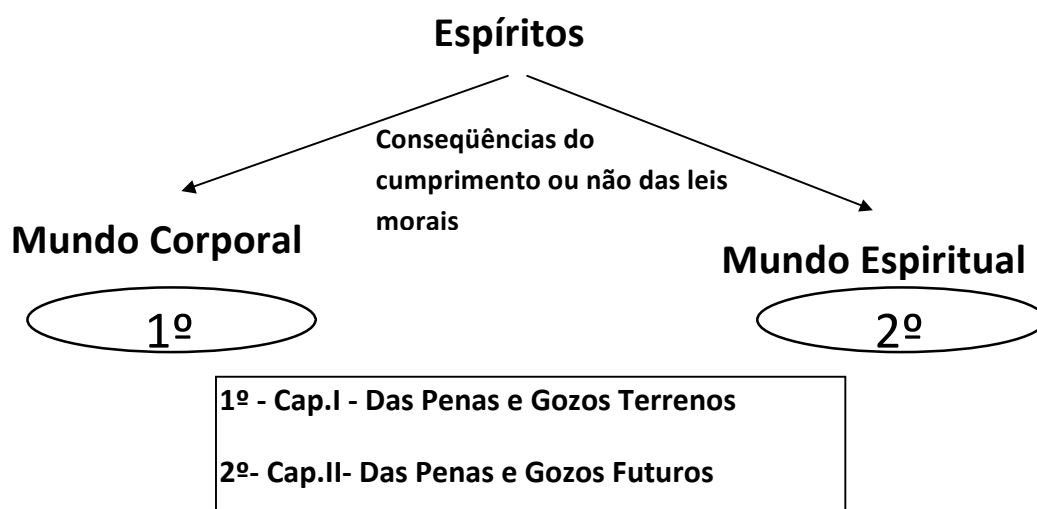
No capítulo I, *Das penas e gozos terrenos*, são apresentadas as conseqüências para o Espírito, no mundo corporal, do cumprimento ou não das leis morais nas suas diversas existências. A felicidade e a infelicidade relativas, a perda de entes queridos, as decepções, a ingratidão, as afeições destruídas, as uniões antipáticas, o temor da morte, o desgosto da vida e o suicídio são os principais temas abordados nesse primeiro capítulo.

No segundo capítulo, *Das penas e gozos futuros*, são examinadas as conseqüências para o Espírito, no mundo espiritual, do cumprimento ou não das leis morais. A vida futura, a natureza das penas e gozos futuros, as penas temporais, a expiação e o arrependimento, a duração das penas futuras, o paraíso, o inferno e o purgatório são alguns dos temas tratados nesse segundo capítulo.

Com esses dois capítulos, Kardec vai demonstrar uma relação estreita entre a conduta ética e a felicidade ou a infelicidade nos dois mundos que o espírito habita.

Viver eticamente ou não viver é questão de escolha. Quero permanecer infeliz? Basta viver sem compromisso ético. Quero ser feliz? Não tenho outra alternativa, devo viver eticamente.

Resumidamente, temos:



Cosme, agora suas considerações finais.

Procuramos, ao longo do nosso bate-papo, destacar uma pequena parcela da estrutura didática e lógica de *O livro dos Espíritos*. Muito ainda resta por fazer.

Tratamos apenas da superfície da obra, dos títulos das partes e capítulos. Podemos dizer que fizemos uma análise da estrutura macro da obra, sem nos atermos à ordem interna dos itens dentro de cada capítulo. Mesmo nessa visão macro, nossa proposta está longe de esgotar o assunto. Ela deve ser considerada como uma singela contribuição ao estudo da estrutura da obra, sem a pretensão de ser a palavra final.

A estrutura lógica e didática da parte interna dos capítulos deve também ser investigada. Cada capítulo foi dividido em itens, que foram dispostos numa certa ordem. Como estabelecer a ordem desses itens dentro de cada capítulo? Não fizemos ainda um estudo mais profundo dessa composição interna. Esse é um trabalho desafiador. Esperamos que um dia alguém possa fazê-lo.

Nossa pretensão, quando começamos a trabalhar na estrutura didática de *O livro dos Espíritos*, foi a de oferecer uma contribuição ao estudo e ao ensino desse livro que permitisse uma rápida visualização de sua macro-estrutura, de tal forma a facilitar uma rápida localização dos temas abordados. Assim, se alguém desejasse estudar um tema espírita qualquer, teria como saber facilmente se tal tema é tratado na obra e como localizá-lo.

Pensamos como um professor que para facilitar o estudo de uma obra apresenta ao aluno um resumo de suas principais idéias, fazendo com que este, de relance, pudesse sentir sua beleza e profundidade.

Esperamos que nossa análise da estrutura didática de *O livro dos Espíritos* possa ser útil a todos os que desejam prosseguir no estudo dessa que é, sem sombra de dúvida, a mais grandiosa obra sobre Espiritismo.